

## Literatura

Romance de estreia da jornalista, 'Uma Duas' dissecar rancores e a herança emocional familiar

# Eliane Brum esquadrinha o mal-estar entre mãe e filha

■ LUCIANA ROMAGNOLLI

Eliane Brum ficou conhecida, no jornalismo, pela narrativa de histórias de pessoas comuns, como o carregador de bagagem que trabalhava em um aeroporto e nunca havia voado de avião – um dos muitos personagens reais retratados no livro-reportagem “A Vida que Ninguém Vê” (2006). Também em sua coluna semanal, no site da revista “Época”, é com rara sensatez que a jornalista gaúcha aborda temas espinhosos, seja a inabilidade da atual geração jovem para conviver com frustrações ou algum caso de grande repercussão midiática.

Por esse olhar ao mesmo tempo generoso e crítico sobre os outros, sempre combatendo ideias pré-concebidas, Eliane provocou expectativa ao anunciar que escreveria seu primeiro romance. Até porque a travessia do factual para a ficção não se faz com garantias de que a qualidade da escrita em um gênero se manterá no outro.

“Uma Duas” não decepciona. Com uma narrativa elaborada e de grande impacto emocional, o livro curto se mostra capaz de causar mal-estar. Algo que só obras com coragem de remexer no mais íntimo – e menos belo – das relações humanas conseguem fazer.

Se antes já havia revelado o extraordinário que há no cotidiano, agora Brum realça o que há de comum e humano em uma situação aparentemente doentia. O

desconforto de “Uma Duas” vem do confronto entre a mãe e a filha que protagonizam a história. A princípio, contudo, apenas à mais nova é dado o direito de voz. Num relato cru e pessoal, ela expõe a decaída da velha mulher, internada em situação calamitosa, e o choque que a sua rejeição à mãe causa em quem as observa de fora.

**RESSENTIMENTOS.** À medida que o ressentimento da personagem pela mulher que a gerou é explicado por memórias que remontam à infância, delineiam-se questões relativas à herança emocional legada pelos pais, suas consequências indelévels e a necessidade de romper com o passado. E a possibilidade da escrita confessional surge, para a filha, como oportunidade de tomar as rédeas da narrativa da própria vida (há se de pensar, aliás, se esse não é o motivo comum a passar toda a produção escrita de Eliane Brum).

No entanto, numa hábil estratégia da autora, à certa altura a mãe conquista, também, o poder da escrita (e o de reinterpretar sua história). Com isso, as narrativas das vidas das duas, entrecruzadas, tornam-se mais complexas, reequilibrando o peso das “culpas”.

Contra qualquer tendência a se idealizar a maternidade e o amor filial, as personagens são vistas em suas facetas mais cruéis e sob o estranhamento mútuo: da filha que renega a própria carne por ser um subproduto do corpo da mãe, ao qual rejeita



LELO CLARETO/DIVULGAÇÃO

**Impacto.** Jornalista aborda laços consanguíneos e as possibilidades da escrita, em livro com projeto gráfico original, em que as letras ganham cor alaranjada

com nojo; e da mãe que não reconhece o ser que cresce em seu ventre e dela se alimenta, sem que assim o tenha desejado.

Na alternância de vozes, Eliane Brum amplia o tema de seu romance para além da relação consanguínea e familiar, até a necessidade ou possibilidade da escrita como esse meio de revisão e reinterpretação da vida.

### Agenda

**O QUE.** “Uma Duas”, de Eliane Brum. Editora Leya. 176 páginas. R\$ 34,90

### Leia um trecho do livro “Uma Duas”

“Demorei apenas um instante para entender o que ela queria de mim quando me mostrou um seio grande e duro como toda ela. Um seio branco que eu achei bonito e aterrorizante como toda ela. Que cheirava a sabão caseiro como toda ela. Gosto de pensar que fui obrigada, mas sei que parte de mim, a parte que renego em mim, desejou aquele seio”.

